

Um

A morte é sempre a mesma, mas cada homem morre da sua própria maneira. A de J. T. Malone começou de modo tão simples e vulgar que, durante algum tempo, ele confundiu o fim da vida com o começo de uma nova estação. O inverno do seu 40.º aniversário foi excepcionalmente agreste para uma cidade do Sul, cheio de dias frígidos e soturnos e de noites brilhantes. A primavera chegou subitamente no meio de março daquele ano de 1953, e Malone sentiu-se indolente e alquebrado naqueles dias de flores em botão e de céus ventosos. Como era farmacêutico, diagnosticou febre vernal e receitou a si próprio um tônico de extrato de fígado e ferro. Embora se cansasse com facilidade, manteve a rotina habitual: ia a pé para o trabalho, a sua farmácia continuou a ser um dos primeiros estabelecimentos a abrir na rua principal e fechava às 18 horas. Almoçava num restaurante da Baixa e jantava em casa, com a família. Tinha pouco apetite, porém, e perdia peso constantemente. Quando trocou o fato de inverno por outro mais leve, de primavera, as calças dançavam-lhe no corpo alto e devastado. As suas fontes estavam de tal maneira chupadas que, ao mastigar ou engolir, viam-se-lhe nitidamente as veias latejar, e o pomo de Adão agitava-se-lhe no pescoço magro. Contudo, Malone não via motivo para se alarmar: a sua febre vernal parecia-lhe excepcionalmente teimosa, e, por isso, acrescentou ao tônico o recurso antiquado do fósforo e dos melaços, pois, bem vistas as coisas, os velhos remédios ainda são os mais eficazes... A ideia deve tê-lo animado, porque não tardou a sentir-se melhor e a começar os trabalhos anuais na sua horta. Até que um dia, ao compor uma receita, camba-

leou e perdeu os sentidos. Consultou o médico, depois disso, e submeteu-se a várias análises no City Hospital. No entanto, continuava a andar pouco preocupado. Sofria de febre vernal e da fraqueza consequente de tal estado e fora isso que lhe provocara o desmaio num dia quente, coisa natural e comum... Malone nunca refletira na sua morte senão como facto suscetível de acontecer num futuro nebuloso e incerto, ou em termos de seguro de vida. Era um homem vulgar e simples para quem a própria morte constituía um fenómeno.

O Dr. Kenneth Hayden, bom cliente e amigo, tinha o seu consultório no andar por cima da farmácia. Malone foi visitá-lo às 2 horas da tarde, no dia em que deviam chegar os resultados das análises. Ao ficar a sós com o médico, sentiu pairar sobre si uma ameaça indefinível. Como o clínico não o olhava de frente, o seu rosto pálido e familiar parecia-lhe desprovido de olhos, e a sua voz, quando o cumprimentou, soou-lhe também de modo estranhamente formal. O médico sentou-se à secretária e pegou num abre-cartas, que olhava com atenção à medida que o passava de uma das mãos para a outra. Advertido pelo singular silêncio, Malone perguntou, quando não pôde suportá-lo mais:

— Vieram os resultados das análises... Estou bem?

O médico evitou o olhar azul e ansioso de Malone e os seus olhos fixaram-se, constrangidos, na janela aberta.

— Verificámos cuidadosamente e parece haver qualquer coisa de invulgar na composição do sangue — respondeu-lhe, por fim, o clínico, em voz suave e arrastada.

Uma mosca voou no consultório esterilizado e sombrio, no qual pairava um leve cheiro a éter. Malone tinha agora a certeza de que algo de importante corria mal, e, incapaz de suportar o silêncio ou a voz pouco natural do médico, começou a falar ao acaso, a fim de iludir a verdade:

— Sempre esperei que encontrassem vestígios de anemia. Estudei medicina, como sabe, e já desconfiava que a contagem do meu sangue fosse muito baixa.

O Dr. Hayden fitou o abre-cartas com que brincava e a sua pálpebra direita estremeceu.

— Nesse caso, poderemos falar no assunto em termos médicos...

— Baixou a voz e proferiu apressadamente as seguintes palavras: —

A contagem de glóbulos vermelhos atinge apenas 2,15, o que significa que temos uma anemia intercorrente. Esse, porém, não é o fator mais importante. Os glóbulos brancos aumentaram de modo anormal; a contagem deu 208 000... — O médico fez uma pausa e levou a mão à pálpebra nervosa. — Compreende, provavelmente, o que isto significa...

Malone não compreendeu. O choque transtornara-o e o aposento pareceu-lhe de súbito gelado. Percebeu apenas que algo de estranho e terrível lhe sucedia naquele consultório frio e oscilante, fascinado pelo abre-cartas que o médico volteava nos dedos curtos e peludos. Uma recordação havia muito tempo adormecida fê-lo estremecer e deu-lhe consciência de qualquer coisa de humilhante que fora esquecida, embora a recordação, em si, continuasse a ser vaga e obscura. Atormentava-o, portanto, uma dupla angústia: o medo e a tensão nervosa provocados pelas palavras do doutor e a sua misteriosa humilhação. O médico possuía mãos brancas e cabeludas, e, apesar de lhe custar vê-las brincar com a faca, Malone sentia a sua atenção misteriosamente atraída para elas.

— Não me lembro — murmurou, desanimado. — Foi há muito tempo, e não me formei na escola médica.

O clínico largou o abre-cartas e estendeu-lhe o termómetro.

— Ponha-o debaixo da língua, por favor.

Viu as horas e aproximou-se da janela, junto da qual ficou a olhar para fora, com as mãos apertadas atrás das costas e os pés bem afastados um do outro.

— O exame microscópico revelou aumento patológico de glóbulos brancos e anemia intercorrente. Há preponderância de leucócitos de carácter juvenil. Em suma... — Calou-se, desapertou e apertou as mãos e manteve-se, por momentos, em bicos de pés — ... o resultado, sem mais preâmbulos, é que estamos perante um caso de leucemia.

Voltou-se bruscamente, tirou o termómetro e viu quanto marcava.

Malone permanecia tenso e na expectativa, com uma perna cruzada sobre a outra e a maçã de Adão a debater-se-lhe na garganta frágil.

— Sentia-me um pouco febricitante, mas pensava tratar-se apenas de febre vernal — murmurou.

— Gostaria de observá-lo. Faça favor de se despir e de se deitar na marquesa...

Malone deitou-se na marquesa, descarnado e pálido na sua nudez, e envergonhado também.

— O baço está muito dilatado. Notou alguns inchaços ou caroços?

— Não. Tento lembrar-me do que sei acerca da leucemia. Recordo-me de os jornais falarem de uma garotinha cujos pais festejaram o Natal em setembro porque se esperava que ela morresse em breve...

Fitou desesperadamente uma fenda aberta no estuque do teto. Num aposento contíguo uma criança gritava, e a sua voz, meio estrangulada de terror e protesto, dir-se-ia não vir de tão longe, mas fazer parte da própria agonia com que ele perguntou:

— Vou morrer dessa... leucemia?

A resposta foi óbvia para Malone, apesar de o médico permanecer calado. Na sala vizinha, a criança soltou um guincho prolongado e brutal, que durou quase um minuto.

Terminado o exame, Malone sentou-se a tremer na beira da marquesa, repugnado com a sua própria debilidade e com a angústia que o dominava. Os pés delgados, cheios de calosidades laterais, pareciam-lhe especialmente asquerosos, e por isso calçou primeiro as peúgas cinzentas. O médico lavava as mãos num lavatório que havia a um canto da sala, e esse gesto, por qualquer motivo, ofendeu o paciente. Vestiu-se e voltou para a cadeira, defronte da secretária. Quando se sentou, a alisar o cabelo ralo e áspero, com o comprido lábio superior bem apertado no inferior, que tremia, e com o olhar febril e aterrado, Malone tinha já o aspeto indefinido e humilde de um incurável.

O médico voltou a brincar com o abre-cartas e de novo Malone se sentiu fascinado e obscuramente angustiado: os movimentos da mão e da faca faziam parte da sua doença e de uma humilhação misteriosa e meio esquecida. Engoliu a saliva e tentou dar firmeza à voz ao perguntar:

— Bem, doutor, quanto tempo me dá?

Pela primeira vez o clínico suportou firmemente o seu olhar, durante alguns instantes. Depois desviou a vista para a fotografia da esposa e de dois rapazinhos, que lhe sorriam da secretária.

— Somos ambos chefes de família e, se estivesse no seu lugar, sei que quererá saber a verdade e que trataria de pôr os meus assuntos em ordem...

Malone mal podia falar; todavia, as palavras saíram-lhe dos lábios nítidas e ásperas:

— Quanto tempo?

O esvoaçar da mosca e o ruído do trânsito na rua pareciam acentuar o silêncio e a tensão reinantes no sombrio consultório.

— Creio que poderemos contar com um ano ou com quinze meses. É difícil calcular exatamente...

As mãos brancas do médico estavam cobertas de pelos compridos e negros e brincavam incessantemente com a faca de marfim. Embora Malone encontrasse algo de terrível no espetáculo, não conseguia desviar dele a atenção.

— É singular — observou, começando a falar muito depressa. — Até este inverno, tive sempre um seguro de vida simples; mas depois converti-o naquelas apólices que pagam pensão de reforma. O doutor deve ter visto os anúncios nas revistas: a partir dos sessenta e cinco anos, e até ao fim da vida, o segurado levanta duzentos dólares por mês... É engraçado pensar nisto, agora! — Soltou uma gargalhada trémula e acrescentou: — A companhia terá de pôr tudo como estava dantes; de converter a apólice num seguro de vida simples. A Metropolitana é uma boa companhia e há quase vinte anos que tenho seguro. Atrasei-me um pouco durante a crise, mas assim que me foi possível pus-me em dia. Os anúncios da pensão de reforma trazem sempre a fotografia de um casal de meia-idade num clima soalheiro — talvez a Florida ou a Califórnia. Porém, eu e a minha mulher tínhamos ideia diferente... Pensávamos numa casinha em Vermont ou no Maine, porque quem vive toda a vida no Sul acaba por se cansar de sol e de claridade...

De súbito, o jorro de palavras estancou-se, e Malone, desamparado ante o seu destino, chorou com o rosto oculto entre as mãos largas, manchadas de ácido, esforçando-se por dominar os soluços.

O médico olhou a fotografia da esposa, como se procurasse inspiração, e bateu suavemente nos joelhos de Malone.

— Neste século já não existem casos desesperados; todos os meses a ciência descobre novas armas contra a doença. Talvez em bre-